

“Carta a um filósofo” – Angela Zamora Cilento
Para: Friedrich Wilhelm Nietzsche

Carta a Nietzsche.

São Paulo, 16 de dezembro de 2016.

Meu querido Nietzsche:

Ainda me lembro quando ouvi falar de você pela primeira vez, só não sabia da extensão e da profundidade que seu pensamento teria na minha vida – eram meados dos anos 80, e eu, praticamente uma menina (afinal tinha apenas 17 anos quando ingressei no curso de Filosofia da Puc-SP), depois de chegar do trabalho fui direto à biblioteca encontrar meus colegas de classe. Estudávamos antes das aulas começarem. E então, me deparei com o Ronaldo bufando e suspirando sem saber o porquê. Cumprimentei-o e me sentei à mesa. Logo ele foi falando: - “Ângela, esse cara é um nazista, veja só isso!” e não vou continuar com os predicativos que ele usou nesse dia para descrever sua pessoa. Mas de imediato, sem ainda ter lido coisa alguma a seu respeito, prontamente o defendi, dizendo que precisaríamos estudar mais para ver se, de fato, essas primeiras impressões correspondiam à realidade. Resolvemos nos debruçar, e hoje nós dois nos tornamos professores de sua filosofia em nossas respectivas Universidades.

Este dia ficou marcado em nossa memória e de alguma forma, foi exatamente essa discussão que nos provocou a investigar ainda mais seus pensamentos e direcionou nossos caminhos dentro da carreira docente.

Difícilmente poderia mensurar tudo o que sua leitura me suscitou, mas gostaria de ressaltar algumas delas. Em primeiro lugar, porque a leitura de seus livros, me preparou para a vida, como se eu tivesse que lê-los para suportar as vicissitudes com as quais me deparei em minha vida particular. Não fui eu que o procurei, mas foi você que veio até a mim. Isso vai ao encontro de algo que você mesmo disse, não é? **“*Todo espírito nobre escolhe seus ouvintes quando deseja se comunicar; escolhendo-os, previne-se contra ‘os outros’*”**. (A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos,10).

De alguma forma, a dor e a busca pelo sentido já faziam parte das minhas inquietudes – elementos bem presentes em sua filosofia. (Ainda que fosse para dizer que este é pura ‘Erfindung’, uma invenção. – Claro que só descobri isso bem depois). Prestei o curso de filosofia depois que meu amigo desde a infância, praticamente meu irmão, morreu em um trágico acidente de moto no dia do meu aniversário de 16 anos. Aquilo foi demais para mim. E quanto mais ouvia a frase: “ele descansou”, mais me revoltava. - como poderia descansar um atleta de 16 anos? Nada do que eu ouvi, consolou meu coração. Quando você chegou até mim, por meio desse desafio – interpretar seus aforismos, estava com os ouvidos abertos.” **“*Para aquilo que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido.*”** (Ecce Homo, “Porque escrevo tão bons livros”, 1).

Você caiu como uma luva e remendou meu coração partido. Por outro lado, desmantelou minhas certezas e convicções. Sobretudo, me mostrou o quanto vale a vida – na verdade, antes de você, já tinha herdado isso do meu pai, mas que, em você fez eco e legitimei filosoficamente. Aprendi que sabedoria é saber lembrar e esquecer a tempo, que o perdão não é para o outro, mas para a gente mesmo – o ódio nos envenena lentamente. Que as experiências com o divino são possíveis e aconteceram comigo. **“O ‘reino dos céus’ é um estado de espírito – não algo que virá “além do mundo” ou “após a morte”. Toda a ideia de morte natural está ausente nos Evangelhos: a morte não é uma ponte, não é uma passagem; está ausente porque pertence a um mundo bastante diferente, um mundo apenas aparente, apenas útil enquanto símbolo (...) O reino de Deus’ não é uma coisa pela qual os homens aguardam: não teve um ontem nem terá um amanhã, não virá em um “milênio” – é uma experiência do coração, está em toda parte e não está em parte alguma...”**(O Anticristo, 34)

Luto para esclarecer seus preceitos diante de tanto mal entendido a seu respeito.

Me ensinou a ousar, desconfiar e me posicionar diante da vida, correr riscos para vivê-la mais intensamente, correr riscos de não ser querida e amada por todos, correr risco por não me importar demasiadamente com a opinião pública. Desconfiar da razão e da ciência em demasia, desconfiar do altruísmo apregoado por certas pessoas, da caridade que impede as pessoas de desenvolverem suas potencialidades. Correr o risco de dizer o que eu penso, claro, de modo educado, para não vir a me ressentir somaticamente. Mesmo assim, inevitavelmente, isso ocorreu algumas vezes. Assim como você, disse e usei. Assim como você, me posicionei diante da vida, diante dos homens em defesa dos direitos humanos, da arte e da filosofia.

E, retomando o prefácio de um dos seus primeiros livros, percebo o quanto fui privilegiada com suas leituras. **“Uma época que sofre daquilo a que se chama cultura geral, mas que não tem cultura nenhuma, nem na sua vida tem unidade de estilo, nunca saberá o que fazer com a filosofia, mesmo que ela seja proclamada nas estradas e nos mercados pelo gênio da Verdade em pessoa. Numa época assim, ela será muito mais o monólogo erudito do passeante solitário, (...) todo o filosofar moderno é restringido a uma aparência de erudição, politicamente e policialmente, por governos, (...), por academias, por costumes, por modas e pela cobardias dos homens (...)”** (A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos, Prefácio, II)

Enquanto docente, mesmo não ministrando algum conteúdo que tivesse diretamente relacionado a você, permanecem em mim tantas outras coisas que se revelam nas ações do cotidiano, em dizer a verdade, em ser honesta comigo mesma antes de tudo, em empunhar a espada para uma educação de qualidade e que se afaste da mera reprodução de conteúdo e de interesses mercadológicos e meramente utilitários. Nunca quis ‘fabricar mão de obra barata’, mas sensibilizei-me em perceber as potencialidades dos meus alunos, propondo tarefas nas quais tivessem que se empenhar e se descobrirem enquanto seres humanos.

Você será sempre meu filósofo favorito, não seu temperamento irônico, pelas duras críticas aos valores da cultura ocidental, mas antes porque você faz parte da lente pela qual olho para o mundo.

Atenciosamente,
Angela Zamora Cilento